

J. A. GAIARSA

TRATADO GERAL SOBRE A FOFOCA

Uma análise da
desconfiança humana

15ª edição
revista e atualizada



TRATADO GERAL SOBRE A FOFOCA
Uma análise da desconfiança humana
Copyright © 1978, 2015 by José Angelo Gaiarsa
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Capa: **Marianne Lépine**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 — 7º andar
05006-000 — São Paulo — SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	7
Palpites	9
1 O maior dos fatos humanos	13
2 Falar sozinho e a fofoca de dentro	17
3 Uma hipótese chamada fofoca	23
4 Fofoca: definições e classificações	25
5 A chave do mistério	29
6 A multidão de dentro	33
7 Os motores da máquina	43
8 Os mutilados	47
9 Irmãos siameses	51
10 Fofoca e equilíbrio	55
11 A fofoca e o cientista	59
12 Fofoca e sexo	63
13 Em defesa da autoridade	71
14 O uniforme	75
15 A fofoca coletiva	79
16 A fofoca e a taça Jules Rimet	83
17 Fofoca e tédio	89
18 O iluminado e a fofoca	93
19 Família e fofoca	97
20 A história como produto de fofoca	115
21 Os deuses e a fofoca	117
22 A fofoca e minha mania de grandeza	119
23 Esquizofrenia oficial	125
24 A fofoca e a antropologia	131

25	Fofoca e psicoterapia.	137
26	Fofoca e estatística	145
27	O arauto	155
28	A única defesa eficaz contra a fofoca	159
29	Psicanálise e fofoca.	161
30	Fofoca e infância.	171
31	O segredo da eternidade da fofoca	181
32	Fofoca — Função transcendente ou A fofoca sou eu, nós e eles	189
33	De réprobo a iluminado.	197
34	O que dói mais	203
35	P.S.	215
	Epílogo — Paraíso na cratera do vulcão.	223

PREFÁCIO

- *foi feita muita fofoca a meu desrespeito*
- *tenho muito medo de que façam fofoca de mim*

Não convém ler vários capítulos deste livro em seguida.

São muito compactos, tanto em conteúdo intelectual como em conteúdo emocional.

Foram escritos para ser lidos isoladamente — mesmo sem ordem.

Mas seguem uma ordem de complexidade crescente e de aprofundamento gradual do tema ou da emoção.

Os temas se entrelaçam e cada capítulo ilumina o centro — que é a FOFOCA — de uma luz particular.

Só TODOS os capítulos explicam a fofoca.

Quem não concordar com uma proposição importante declarada em cinco linhas que continue lendo com atenção porque em algum lugar na certa encontrará a mesma tese mais desenvolvida.

Não foi possível evitar repetição de temas, mas cada repetição mostra um ângulo novo que antes não aparecia.

O estilo varia desde a sobriedade do científico e do lógico rigoroso até o panfleto inflamado, passando pelo demagógico, pelo cômico, pelo paradoxal, pelo poético, pelo engraçado, pelo triste.

Espero que o leitor acompanhe meus “moods” e não faça crítica lógica de uma poesia, nem me venha com distinçõe^zinhas minúsculas durante um grande voo demagógico.

Critiquem-me com jeito...

A única escola de pensamento contemporânea que dá muito valor à fofoca é a Orgonomia — a ciência que Reich fundou. Nela, sob o nome de PESTE EMOCIONAL, é estudado tudo que as pessoas inibidas, quadradas e retidas fazem contra todos os que se mexem, vivem e

fazem coisas. O nome e a posição, porém, são tendenciosos: os quadrados também têm direito à vida — claro.

Aprendi muito com Reich.

Meu livro denuncia e analisa o principal *instrumento* da peste emocional: a fofoca.

AVISO A ESPECIALISTAS:
PRECONCEITO E RESISTÊNCIA

Este livro é um ensaio tridisciplinar: trabalha com o vivo, com o indivíduo e com o social.

Tudo que há de científico e lógico nele refere-se a estruturas, entidades estáveis bem delineadas e bem perceptíveis, que podem ser isoladas da massa do acontecer social e individual.

A psicanálise formulou o conceito de RESISTÊNCIA (ou DEFESA psicológica), que é a estrutura-força que mantém a repressão no indivíduo.

Mais de dois terços da literatura psicanalítica giram em torno desse conceito.

A sociologia aproveitou o conceito já existente de PRECONCEITO e adotou-o como termo técnico, usando-o extensamente na interpretação dos fatos sociais.

Hoje vigora a noção de IDEOLOGIA, que implica, ela também, muito do PRECONCEITO.

O PRECONCEITO é o principal instrumento de conservação das estruturas sociais.

O que é preciso dizer a psicólogos e sociólogos que lerem este livro é que, para o autor,

RESISTÊNCIA é igual a PRECONCEITO

Constituem um só fenômeno visto de dois ângulos diferentes. O preconceito, como a resistência, marca limites da ação — social e

individual. Limites da ação objetiva no caso do preconceito, e da ação subjetiva no caso da resistência.

Ambos impedem a experiência e assim têm a capacidade de eternizar as meias-funções que desempenham.

As resistências são os preconceitos NO indivíduo — naquilo que ele absorveu — que lhe foram impostos — no convívio com as instâncias pedagógicas e modeladoras do comportamento. Os parâmetros dessa modelagem são tudo que é “normal” para dado mundo, isto é, *todos os preconceitos* a respeito de como as pessoas devem ou não devem ser, devem ou não se relacionar — e como fazê-lo.

De minha parte uso muito o conceito de ATITUDE, e para mim ele é eminentemente SOMÁTICO — é o jeito da pessoa. A atitude se cria e se mantém por força de *tensões musculares* — por isso, digo que ela é somática. A meu ver, a modelagem das atitudes é o principal do processo pedagógico. Essa modelagem é de todo externa em relação ao indivíduo, mas termina por influir profundamente em sua organização interna, estampando-se nela e passando assim a SER PARTE da pessoa. Pode-se entender ATITUDE — no sentido em que emprego o termo — como COURAÇA MUSCULAR DO CARÁTER (Reich) ou como jeito — “jeitão” — da pessoa.

As atitudes incluem as duas coisas *que são uma só*, o preconceito e as resistências, e fazem-nas operativas como posição e direção de movimento no mundo socioconvencional. É nas atitudes e nos gestos das pessoas que se vê quanto e como atuaram as forças sociais modeladoras.

O MAIOR DOS FATOS HUMANOS

Hoje, a realidade oficial é a dos números. Quanto mais frequente, mais importante; quanto mais correlacionável, mais verdadeiro. Dessa ótica,

A FOFOCA É O MAIS FUNDAMENTAL DOS FATOS HUMANOS

— *aqui* — como em qualquer lugar
— *hoje* — como sempre.
Amém!

Todos sabem que é assim, mas nenhum *autor sério* ousa tratar do assunto. Muitos cientistas experimentarão um arrepio pelo corpo e uma sensação imediata de ridículo só em pensar em uma tese de sociologia sobre fofoca. Sentem medo de que seu trabalho se faça objeto de fofoca de seus confrades.

Ninguém se deteve ainda sobre esse curioso processo: a fofoca, o mais fundamental dos fenômenos humanos, *acontece de tal forma que se esconde na medida em que aparece*. Quase ninguém *diz* ou sequer *reconhece* que *faz* fofoca.

Ninguém faz — mas ela existe *muito*. É isso.

Todos sabem que a fofoca está aí, todo mundo faz parte dela, todo mundo morre e vive por ela, mas todos dizem que fofoca é uma tolice. O *principal fator que modela a vida das pessoas* — o medo de ser fofocado — “é uma bobagem”, “é divertido”, “ora, não tem importância nenhuma”, “não é uma coisa séria”...

A fofoca é claramente uma rede pública secreta!

Não sei de nenhum outro fato social ou psicológico do qual se possa dizer a mesma coisa.

_____ QUANTO? _____

Se perguntarmos a muita gente — como eu fiz — quanto de fofoca existe na conversa, dificilmente ouviremos estimativa inferior a 50% e a grande maioria das respostas vai para o lado dos 80% ou 90% — ou mais!

Em números redondos, estimo que 20% de tudo que se diz no mundo é conversa funcional, é ordem, pedido, informação, constatação, declaração. É a palavra ligada a fatos, proveniente de fatos e influenciando sobre eles, de um modo imediato e demonstrável. Seu modelo é a ordem do comandante do veleiro, palavra logo seguida de uma execução, palavra *interposta* a fatos, ligada a eles e ligando-os entre si.

Os restantes 80% de todas as conversas do mundo poderiam ser chamados de Conversa Fiada Cósmica (Vilém Flusser¹). Trata-se de falar por amor à conversa, de falar por falar, de papo. Os antigos diziam: tagarelice, loquacidade.

Uma análise da conversa fiada mostra que ela pode ser dividida em duas partes iguais: 40% dela é fofoca e 40% é afirmação de preconceito. Ou estou dizendo que o outro fez coisas contrárias aos bons costumes estabelecidos e por isso é um malandro, um canalha, um sacana; ou estou dizendo que sou muito bom, que tenho coisas lindas e invejáveis, que o que eu faço, penso e digo está tudo na direção das mais altas aspirações do grupo com o qual estou falando.

A fofoca varia bastante quanto ao conteúdo — conforme os personagens do diálogo. Na favela, os homens discutem sobre quem dormiu com a mulata mais bonita do lugar, e as mulheres comentam a mesma coisa — em outros termos, porém!

1. Flusser definiu o termo. Nada tem que ver com os números.